VI SÉRIE N.º 112 — 1.ª QUINZENA DE JANEIRO DE 1948 — PREÇO $50

Proletários de todos os Países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES PCP

O P. COMUNISTA PORTUGUÊS E A NAÇÃO

A REACÇÃO MUNDIAL LEVANTA O «ESPANTALHO COMUNISTA»

A história dos povos tem a registar mais uma intensa e descarada campanha anticomunista, raivosamente desencadeada e chefeada pelo imperialismo norte americano, da qual a reacção mundial se faz eco.

Uma tal campanha quando a democracia se consolida e desenvolve nos países da Nova Democracia e o socialismo triunfa na grande União Soviética e quando os países capitalistas se vêem a braços com uma tremenda crise, só pode ter um objectivo: o esmagamento da Democracia e dos seus mais fieis defensores, os partidos comunistas e outras forças democráticas.

Nós, comunistas, não ignoramos o que se pretende com tal campanha. O passado é muito rico em ensinamentos, no que se refere a campanhas de tal natureza. Relembremos, pois, alguns factos muito elucidativos.

Foi em nome do «anticomunismo» que os fascistas de Franco abriram as portas da Espanha aos nazis hitlerianos e aos fascistas de Mussolini para esmagar a República espanhola.

Foi também em nome do «anticomunismo» e da «ordem» que o nazismo alemão, o fascismo italiano e o imperialismo japonês lançaram os seus povos contra outros povos amantes da paz numa guerra devastadora e assassina.

Foi ainda em nome do «anticomunismo» que os traidores, Petain e Laval, entregaram a França a Hitler e fuzilaram dezenas de milhar de patriotas pelo crime de serem comunistas ou de reagirem contra a política de traição de Vichy.

E foi ainda em nome do «anticomunismo» e da «ordem» que os Quisling entregaram os seus países às hordas nazi-fascistas.

E, à luz da experiência do passado, o que vemos nós?

Que os fascistas de vários países, sobreviventes à guerra de que acabámos de sair, de mãos dadas com o imperialismo anglo-americano lançam de novo uma campanha anticomunista.

É assim que invocando o «anticomunismo» os fascistas da Grécia com o forte auxilio do imperialismo anglo-americano conduzem o povo grego a uma guerra civil, a uma guerra entre a reacção e a Democracia.

É também invocando o «anticomunismo» que a reacção de vários países, com o apoio da grande reacção anglo-americana, tenta liquidar a Democracia nesses países, conquistada com o sangue de patriotas, dos verdadeiros filhos desses povos. Tais os casos da Hungria, Roménia, Bulgária e Polónia em que a vigilância dos comunistas e das outras forças democráticas fez abortar os golpes preparados pela reacção.

E é ainda invocando o «anticomunismo» que o imperialismo norte-americano com o fim de dominar política e económicamente várias nações da Europa, e num acto de «filantropia», se apressa a auxiliar essas nações com planos Marshall e com «generosas» ofertas de milhões de dolares. Tais os casos da França, da Itália e da Áustria, além das outras nações aderentes ao plano Marshall.

O SALAZARISMO ASSOCIA-SE AO CORO «ANTICOMUNISTA»

Inspirado pela reacção mundial, o governo fascista de Salazar associa-se ao coro «anticomunista», intensificando a campanha contra a União Soviética e redobrando a repressão policial contra o Partido Comunista e outras forças amantes da Democracia.

Assim, o fascismo salazarista, incapaz de resolver os mais urgentes problemas nacionais, económicos e políticos, pretendeu fazer crer aos ingénuos e ao estrangeiro que as últimas greves dos Estaleiros Navais de Lisboa e as grandiosas manifestações da Juventude, lutas que tiveram lugar em Abril passado, eram «instigadas por Moscovo» e obedeciam a um «plano de agitação comunista».

Também o órgão da chamada União Nacional, e outra imprensa reaccionária vêm diáriamente caluniando as forças democráticas, acusando tudo e todos de comunistas.

Que visa tão absurda campanha do salazarismo?

Visa, em primeiro lugar, servir os interesses do imperialismo anglo-americano, o principal esteio da sua conservação no poder, e preparar a sua entrada na ONU.

Visa, em segundo lugar, dividir as forças democráticas, isolando os comunistas da Unidade Nacional, aliciando com intimidações, perseguições e terror os ingénuos, os vacilantes e os traidores.

Mas a dura realidade é que os salazaristas são os defensores não do povo e da Pátria, mas dos imperialistas sem pátria, das minorias parasitárias, onde os lucros mandam mais que a felicidade do povo e o progresso do país.

A dura realidade é que, em nome do «anticomunismo» e da «nação», o salazarismo lança o país na opressão e na miséria, na ruína nacional.

O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS, E A NAÇÃO

A política do Partido Comunista tem sido e será sempre uma política nacional.

Basta lembrar a sua acção, a sua orientação política, a dedicação e o sacrifício, muitas vezes, da própria vida dos seus militantes para não haver dúvidas de que o Partido Comunista é um partido nacional que luta e lutará até à vitória pelo bem-estar do povo português, pela grandeza e prosperidade de Portugal. »» → pág. 2

AS MANOBRAS DO IMPERIALISMO AMERICANO

Depois do fracasso da Conferência de Londres, cujos responsáveis principais foram os Estados Unidos apoiados pelos anglo-franceses, por não quererem cumprir o estabelecido em Yalta e Potsdam, volta-se novamente a utilizar o Plano Marshall como principal arma de ataque contra a União Soviética, os países da Nova Democracia e as forças democráticas e patrióticas que em todo o mundo se levantam contra a política expansionista do imperialismo americano.

Assim, apresentam-se, por um lado, os Estados Unidos como grandes benfeitores dispostos a fazer todos os sacrifícios para auxiliar o restabelecimento dos países que sofreram os efeitos da guerra enquanto, por outro lado, se acusa a União Soviética e os comunistas de combaterem essa «ajuda» para impedirem que esses povos se reconstituam.

O presidente Truman, no seu discurso de 19 de Dezembro, foi bem claro a este respeito, quando disse: «Não devemos fechar os olhos ao facto de que os comunistas anunciaram a sua oposição decidida a qualquer esforço para se auxiliar a Europa a pôr-se novamente de pé».

Ora, o problema, posto desta forma, é o que há de mais falso e por isso se torna necessário o seu esclarecimento, para que muitos não sejam iludidos quanto ao seu verdadeiro significado.

PORQUE É QUE A UNIÃO SOVIÉTICA E OS COMUNISTAS COMBATEM O PLANO MARSHALL?

A recusa e o combate que a União Soviética e os comunistas vêm empreendendo contra o plano Marshall, é porque ele não representa — de facto — o auxílio que esses países precisam, mas sim porque os Estados Unidos procuram aproveitar-se da situação em que esses povos se encontram para melhor os poderem explorar e dominar política e económicamente. O que os Estados Unidos procuram atingir com essa «ajuda» é alargar os seus meios de expansão exterior, procurando através desses créditos levar por diante a sua política de domínio mundial, o que é incompatível com o respeito e soberania das outras nações.

As afirmações feitas diáriamente pelos actuais dirigentes americanos demonstram categòricamente que esse auxílio não é desinteressado, mas sim que exige a subordinação dessas nações à influência dos Estados Unidos.

Vejamos algumas dessas afirmações. Marshall, no seu discurso de 10 de Novembro perante as comissões parlamentares, dizia entre outras coisas o seguinte: que o seu governo devia firmar acordos bilaterais com as nações que fossem «auxiliadas», e esses acordos — segundo ele — deviam incluir compromissos e adopção de medidas monetárias, fiscais, produção, redução de barreiras impostas ao comércio, estabilidade de preços, etc.. Segundo Marshall, a execução destes acordos deviá ser fiscalizada (ver bem: «fiscalizada»!) por intermédio de embaixadas, legações, etc. estabelecidas para tal fim. Por outro lado, Roberto Levett, secretário de Estado, a 4 de Dezembro afirmava que os países que recebessem auxílio seriam obrigados a aceitar e a distribuí-lo sob condições específicas, e se quaisquer dessas condições não fossem cumpridas o auxílio seria cortado. Por sua vez, o presidente Truman no seu discurso ao Congresso, a 19 de Dezembro, nos 10 pontos que estabelece como condição para o auxílio ser prestado, encontram-se dois, o nono e o décimo, em que se declara no 9.º — que se suspenderá o auxílio aos países que não cumprirem uma série de princípios rígidos; e no 10.º — que se obrigará (notar bem: «obrigará») os países a depositar os lucros em derivados das vendas de mercadorias do plano Marshall num fundo que será utilizado, sob a direcção **parcial** dos Estados Unidos. O sublinhado é nosso. Por outro lado, uma das condições impostas aos países que venham a ser «auxiliados» é forçá-los à produção de matérias primas específicas e facilitar a sua aquisição aos Estados Unidos para que estes estabeleçam reservas.

Como se vê, os países «auxiliados» ficarão sujeitos, com tais medidas, a uma interferência e fiscalização pelos EE.UU em toda a sua vida económica não podendo produzir o que esteja de acordo com o seu desenvolvimento económico e bem estar do seu povo, mas sim segundo os interesses da economia e dos monopólios americanos.

A aceitação de tais condições impostas pelos Estados Unidos seria por conseguinte, a subordinação económica, pura e simples, dessas nações aos interesses americanos. Temos exemplos já bastante concretos no caso da Grécia, Turquia, China, etc., que nos mostram o que significa essa fiscalização na execução dos acordos. Tais condições só poderão ser aceites por regimes reaccionários e antipopulares, que precisam do apoio externo para se poderem manter no poder e que estão dispostos a vender o país, se preciso for, mas nunca por regimes que defendam os interesses dos seus povos e o progresso e a Liberdade de suas nações. »» → pág. 2

PELA EXTINÇÃO DO TARRAFAL

PELA LIBERTAÇÃO DE TODOS OS PRESOS POLÍTICOS E SOCIAIS

No Campo de Concentração do Tarrafal, continuam algumas dezenas de presos sujeitos a morrerem ali, se o povo, pela sua luta, não os arrancar antes, desse maldito campo de morte.

Através de várias lutas, o povo português tem lutado pela liquidação desse maldito Campo, onde já perderam a vida algumas dezenas dos melhores combatentes antifascistas portugueses, entre os quais Bento Gonçalves, Secretário Geral do Partido Comunista Português; Mario Castelhano, dirigente anarquista; e Alfredo Caldeira, membro do C. Central do Partido Comunista Português.

De 15 a 22 de Setembro, essas lutas culminaram com uma campanha nacional **Pró Extinção do Tarrafal.** Campanha dirigida e levada a cabo pelo nosso Partido Comunista. No número anterior do «Avante!», destacamos o que foi essa campanha e o papel saliente que nela desempenharam, e têm desempenhado, várias organizações antifascistas. Hoje, queremos destacar, mais uma vez, o grande papel que nela desempenhou o Movimento de Unidade Nacional Antifascista (MUNAF) que fez publicar e distribuir por todo o país algumas dezenas de milhar de manifestos e targetas com desenhos alusivos ao Tarrafal, e ainda colocar carimbos e inscrições e o envio de centenas de cartas às autoridades lembrando a existência do Tarrafal e exigindo a sua Extinção.

A CONTINUAÇÃO DO TARRAFAL EXIGE QUE A LUTA PELA SUA EXTINÇÃO CONTINUE E SE ALARGUE

No Campo do Tarrafal estão algumas dezenas de presos há já mais de **11** anos. Alguns destes, tais como Jaime Tiago e António Franco da Trindade, há mais de **15** anos que se encontram presos. Outros, como João Rodrigues e José Viegas, já se encontram presos há mais de **13** anos. Outros ainda, como João Faria Borda, Fernando Vicente, Neves Amado, etc. (todos marinheiros), já se encontram presos há mais de **11** anos. Todos eles se encontram arruinados da saúde, consequência dos maus tratos, torturas físicas, má alimentação, trabalhos forçados, paludismo, dias sem conto, primeiro na «Poterna» e «Calejão» de Angra do Heroísmo, e, depois na «Frigideira» do Campo do Tarrafal.

Outros, como Rodrigo Ramalho e Hermínio Martins, além de tudo encontram-se ameaçados de morte certa, dado que contraíram na prisão doenças, que tanto o director como o médico do Campo reconhecem não poderem ser tratadas na Ilha. Não obstante esta situação, os bandidos da **PIDE,** com os capitãis Lourenço e Catela à frente, recusam-se a autorizar a sua vinda para o continente para serem tratados.

Com as penas terminadas há já mais de um ano encontram-se os seguintes presos: José Viegas, Tomás Aquino, Jaime Tiago, António Franco da Trindade, Américo Fernandes, Joaquim Duarte, Gato Pinto, Silvério Mateus, José Ramos e Custódio da Costa.

PORTUGUESES! Homens e mulheres de coração do nosso país! Pais, mães, esposas, noivas, irmãos, **TODOS** os antifascistas e patriotas portugueses! Ao mesmo tempo que se impõe continuar a luta pela **EXTINÇÃO DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DO TARRAFAL,** há que lutar também para que os presos que não podem ser tratados na Ilha sejam autorizados a regressar imediatamente ao continente para aqui serem tratados e assim, serem salvos de uma morte certa. Há que lutar para que os presos que terminaram as suas penas, sejam imediatamente restituídos à liberdade exigindo, assim, que o governo cumpra as suas próprias leis.

Mas, não é só no Tarrafal que se encontram presos políticos. Eles encontram-se também, nos **Aljubes de Lisboa e Porto,** nas **Penitenciárias de Lisboa e Coimbra,** em **Caxias,** em **Peniche** e no **Hospital Júlio de Matos.** Estes presos, também são os nossos presos. Urge, portanto, lutar, em primeiro lugar para que tenham um tratamento mais humano e, em segundo lugar, lutar e sempre lutar para que sejam restituídos à liberdade.

Ao mesmo tempo que **a luta pela Extinção do Tarrafal deve continuar e alargar-se** cada vez mais, há que lutar e lutar sempre pela libertação de todos os presos políticos e sociais que se encontram nas masmorras salazaristas.

Que o grito de **AMNISTIA! AMNISTIA! AMNISTIA!** corra Portugal de-lés-a-lés.

Que em todos os muros, estradas alcatroadas, postos de correios, comboios, eléctricos, por todo o lado, apareça a palavra **EXTINÇÃO DO TARRAFAL** a par com a palavra **AMNISTIA!**

As Próximas Eleições Sindicais

Em princípios de 1948, o operariado português — segundo as leis do regime salazarista — volta a ter a oportunidade de escolher os seus dirigentes sindicais.

Durante muito tempo uma grande parte dos trabalhadores manteve e ainda hoje em menor n.º continua a manter pouco interesse pela vida dos sindicatos actuais, não reconhecendo o que eles podem representar — mesmo assim — para a defesa dos seus interesses, como escola para a educação das massas e como arma para denunciar o carácter fascista antidemocrático do salazarismo.

Ora, este desinteresse e incompreensões são motivados, em grande parte, pelo desconhecimento que os trabalhadores, na sua maioria, têm da força que esses organismos representam.

Será portanto bom apresentarmos aqui alguns números que poderão esclarecer algumas dessas incompreensões: segundo a estatística da Organização Corporativa existiam, em 1945, no Continente e Ilhas 308 Sindicatos Nacionais com 470.697 sócios. Só ao continente pertenciam 208 destes sindicatos com o número de 455.138 sócios. Sendo o número de profissionais inscritos nesse ano, segundo a mesma estatística, de 629.929 trabalhadores. Isto quer dizer que, 75 por cento aproximadamente do operariado português faz parte dos sindicatos actuais, mesmo que grande parte destes seja contra a sua vontade. Segundo ainda a mesma estatística, as receitas de todos os sindicatos atingiram, em 1945, 23.204 contos e as suas despesas 21.639 contos. Destas despesas apenas foram gastos com assistência e fins educativos e recreativos 6.372 contos, enquanto que com pessoal, instalações, expediente e outras, foram gastos 15.627 contos.

Se esses trabalhadores, analizassem, à base destes números, o que pode ser feito com esses 470 mil trabalhadores organizados uma vez bem orientados e atendessem ao bom emprego desses milhares de contos que até aqui têm sido em grande parte desbaratados, estamos certos que não haverá nenhum deles que seja consciente e honesto, disposto a defender os seus interesses e os da sua classe, que não se interesse pelas próximas eleições sindicais.

Os Sindicatos Nacionais foram impostos aos trabalhadores portugueses pelo regime fascista de Salazar. Pois bem: saibam os trabalhadores portugueses transformá-los em organismos de sua própria defesa. E um dos primeiros passos a ser dado para atingir este objectivo, será a eleição de direcções honestas compostas com os elementos mais combativos dispostos a defenderem os trabalhadores. Saibamos pois trabalhar neste sentido.

Que em toda a indústria, em toda a fábrica, em toda a oficina e em todo o local de trabalho se organizem Comissões Sindicais de Unidade, onde comparticipem as mais variadas tendências políticas e crenças religiosas, que tenham como fim escolher estes trabalhadores e trabalhar pela sua eleição.

As palavras de ordem em toda a fábrica, oficina ou local de trabalho devem ser:

Escolha dos melhores trabalhadores para a constituição das novas direcções sindicais e luta pela sua eleição.

Nem mais uma eleição de qualquer lacaio do fascismo salazarista.

GES PCP

O malogro da Conferência de Londres

Por uma Alemanha Unida e Democrática

A unificação política e económica da Alemanha assente sobre bases democráticas é condição indispensável para a construção de uma paz sólida na Europa e no mundo. A esta política opõem-se desabridamente os imperialistas anglo-americanos, acompanhados agora pelo seu parceiro mais novo, a França.

A União Soviética, é a única grande potência que, fiel aos compromissos tomados em Yalta e Potsdam, defende efectivamente uma política democrática para a Alemanha. As suas propostas nesse sentido, as outras três potências ocidentais responderam invariavelmente com o não, recusaram-se mesmo a discuti-las, enquanto que a União Soviética se mostrou sempre disposta a discutir as propostas das outras delegações.

Como é sabido, Marshall depois de ter concordado em princípio com as propostas soviéticas, desdisse-se vergonhosamente, tomando, daí para cá, a direcção de uma política de sabotagem à Conferência, logo seguido obedientemente pelos seus parceiros anglo-franceses. Desta forma, obstou-se a que se chegasse a qualquer acordo construtivo. Só a União Soviética procurou, por todos os meios, fazer com que fossem cumpridas as decisões de Potsdam.

Hoje, está claro para todos os que acompanham honestamente o desenrolar dos acontecimentos internacionais que as três potências ocidentais não foram para a Conferência de Londres com o objectivo sincero de se chegar a um acordo sobre os tratados de Paz com a Alemanha e a Áustria.

Sentindo o terreno fugir-lhes debaixo dos pés, entraram descaradamente num caminho de sabotagem a tudo que tinha por fim encaminhar o mundo para uma paz democrática. A sua linguagem passou a ser o crês-ou-morres, esquecendo-se, entretanto como o disse Molotov, que à União Soviética não se pode falar como se fala, por exemplo, ao actual governo grego.

Os anglo-americanos falam muito em unificação da Alemanha, numa Alemanha livre, etc.. Mas por outro lado opõem-se terminantemente a essa unificação e a essa liberdade. O Sr. Bevin disse que queria uma Alemanha onde os homens e mercadorias pudessem circular livremente. Entretanto, os delegados da zona inglesa ao Congresso Popular de Berlim, tiveram que atravessar ilegalmente toda essa zona. Por outro lado, a unificação das zonas anglo-americanas e agora a campanha para a unificação das três zonas ocidentais, e possivelmente a criação de um governo único, falam uma linguagem bem mais clara do que o palavreado demagógico usado pelos ministros dos estrangeiros das três potências ocidentais.

Opondo-se ao desenvolvimento da indústria de paz alemã os anglo-americanos mostram o seu objectivo de transformarem a Alemanha numa testa de ponte contra a União Soviética (tampão entre o Oriente e o Ocidente) e as Democracias da Europa Oriental, contra a democracia na Europa e de se assegurarem de um largo mercado para os seus produtos exportáveis.

A indústria de paz alemã atinge somente nas zonas ocidentais 35% do nível de 1938, enquanto que na zona soviética, em condições bem mais difíceis, ela atinge já 52%.

Segundo o acordo de Potsdam a Reforma Agrária deveria estar completada em todas as zonas de ocupação até fins de 1947. Que vemos nós? Somente na zona soviética ela se operou, enquanto nas zonas ocidentais os grandes proprietários que auxiliaram fortemente os nazis, continuam donos das terras!

A democratização para as potências ocidentais é a democracia da lei de Hache, é a lei anti operária Taft-Hartley (que agora se quer impôr em todo o mundo, como parte dos juros dos empréstimos de dólares), é a lei dos tanques e gazes lacrimogénios contra os grevistas, é a lei da chamada «lealdade à América» em que mais de 78 organizações progressistas são perseguidas e os comunistas e todos os que a eles estiverem de uma forma ou outra ligados, ameaçados de serem privados do seu direito de voto, é a imposição ao povo grego de um governo fascista de tipo hitleriano. Esta é a democracia que os imperialistas americanos querem impôr à Europa e ao Mundo.

Como estranhar, pois que a União Soviética, fiel à sua tradicional política de paz e de progresso, lute sem desfalecimento contra tal concepção de democracia.

As reparações exigidas pela União Soviética, são terminantemente recuzadas pelos anglo-americanos. Esta foi mesmo a razão fundamental apresentada para o rompimento da Conferência. Berram que da produção corrente não podem sair reparações porque isso significaria terem que continuar a gastar milhões de dólares para alimentarem os alemães, etc.

A isto respondeu Molotov, declarando que, se a produção industrial das zonas ocidentais fosse elevada do nível existente de 35% para 70% da de 1938, 10% dessa produção poderia ser utilizada para reparações. Isso, juntou Molotov, poderia solucionar o problema... «Claro que isto não agrada aos anglo-americanos, porque seria deixarem fugir um rico mercado para os seus produtos».

A União Soviética reclama da Alemanha 10 biliões de dólares de reparações quando os prejuízos causados pelos bandidos hitlerianos atingem a soma de 128 biliões. Os alemães destruíram ou incendiaram, total ou parcialmente em território soviético: 70.000 aldeias no total de 6 milhões de imóveis, (na altura da libertação 25 milhões de pessoas estavam sem casa); 31.850 empresas industriais; 4.000 gares; 65.000 quilómetros de vias férreas; 3.000 pontes de caminhos de ferro; 91.000 quilómetros de caminhos; 84.000 escolas; 40.000 bibliotecas; 2.890 estações de máquinas e tractores, etc..

Destruíram ou roubaram: 7 milhões de cavalos; 17 milhões de bois; 20 milhões de porcos; 27 milhões de carneiros e cabras.

Se juntarmos as perdas de vidas humanas: 7 milhões de soldados e 10 milhões de civis, teremos uma ideia exacta dos sofrimentos e perdas suportados pela União Soviética pela causa comum de todos os povos desejosos de liberdade, e, ao mesmo tempo verificaremos quanto é modesta a importância exigida pela U. Soviética.

É isto que os anglo-americanos esquecem impudicamente. E esquecem, porque tanto a Inglaterra como os EE UU não experimentaram a ocupação nazi fascista com as consequentes devastações, pilhagens e assassinatos.

No que respeita à Áustria, sucede outro tanto. Segundo o acordo de Potsdam, os bens alemães neste país, passariam para a posse dos aliados a título de reparações, com que, aliás, o governo austríaco está concorde. Entretanto, os anglo-americanos obstaram a um acordo neste sentido entre a União Soviética e a Áustria, com a ameaça ao governo austríaco de não o reconhecerem. Daí para cá as pressões sucedem-se umas às outras.

Os auxílios financeiros americanos à Áustria, significam uma pressão muitas vezes imposta.

Esta é a política dos imperialistas anglo-americanos, emparceirados agora pela França.

Bem podem eles berrar agora que a responsabilidade pertence à União Soviética que os factos falam uma outra linguagem bem mais compreensível para os milhões de pessoas simples de todo o mundo.

A responsabilidade do malogro da Conferência de Londres pertence unicamente às três potências ocidentais (não esquecer a reunião que tiveram a sós no meio da Conferência) que, pela sua política de sapa e obstrução evitaram um entendimento possível entre as quatro potências, como o afirmou ao mundo o Ministro dos Estrangeiros da União Soviética, Molotov.

Agora compreendem-se melhor as campanhas da imprensa anglo-americana antes da abertura da Conferência, ao toque da qual toda a imprensa reaccionária do mundo se reuniu, prevendo o seu malogro, defendendo e aconselhando a criação de um Estado independente na Alemanha Ocidental, clamando por uma paz separada e pelo rompimento com a União Soviética e, em caso de necessidade usar-se mesmo a força contra ela.

Agora como antes da Conferência e na altura em que ela se realizava, novamente se volta à campanha no sentido de se abrirem conversações somente entre as três potências ocidentais.

Isto revela-nos, mais uma vez, quais eram as intenções das três potências ao abrir-se a Conferência de Londres e a quem pertence a responsabilidade do seu malogro.

~ A LUTA NA CHINA ~

Durante algum tempo os jornais e a rádio salazaristas, não se cançaram de falar nas ofensivas vitoriosas das tropas do reaccionário e traidor Chang Kai Chek contra os Exércitos da China Democrática. As derrotas destes sucediam-se, as perdas eram enormes, etc., etc.. De repente os jornais e a rádio emudeceram. O que teria sucedido? Teria deixado de existir o último homem dos Exércitos da China Democrática? Não, nada disso.

O que sucedeu foi somente isto: Em 4 meses os exércitos de Chang Kai Chek perderam 450 mil homens, várias divisões desbaratadas, 113 mil espingardas, 8.000 metralhadoras, 600 lança-chamas e minas e algumas centenas de canhões. Além disto muitas localidades foram tomadas pelos Exércitos da China Democrática. E tudo isto, apesar do auxílio desenfreado que os imperialistas americanos estão prestando a Chang Kai Chek.

AOS LEITORES DO «AVANTE!»

A reacção mundial está, através da sua imprensa, rádio e outros meios de agitação e propaganda, envenenando a opinião pública mundial com falsas notícias, calúnias e chantagens no sentido de criar um ambiente propício a uma nova guerra e esmagar as forças da Democracia.

Esta acção da reacção necessita de ser combatida por toda a parte por meio de uma agitação e propaganda que esclareça o povo e lhe mostre a verdade.

O **«Avante!»**, órgão central do Partido Comunista Português, vem cumprindo com honra esta missão. Mas a sua acção está muito restringida, por um lado, por falta de recursos financeiros que lhe permitam o melhoramento do seu aparelho técnico. Por outro lado, por ser um jornal clandestino e correr riscos a sua difusão.

Mas nenhum destes obstáculos é intransponível. Quer um quer outro serão vencidos. Basta que os nossos leitores se disponham a isso.

Intensificai, pois, o vosso auxílio financeiro e levai o **«Avante!»** a toda a parte. Que nenhum recanto do nosso país fique sem saber o que diz o **«Avante!»** — o grande defensor do povo português.

Para melhorarmos a nossa agitação e propaganda são precisos grandes recursos financeiros. Esses recursos, só os leitores do **«Avante!»**, todos os comunistas, simpatizantes e amigos do Partido e da Democracia os podem fornecer.

Multiplicai, portanto, a vossa ajuda à imprensa do Partido!

Quantias recebidas dos Amigos do Partido

Camar. 1	0.10	samarra	20.00	Nova Tipo		T. M.	20.00
Consomol	49.00	Idem	20.00	Diniz	1.127.00	Tibério	20.00
Corticeiro	—	João Rodrig.	600.00	Idem	500.000	Trabalhadores,	
Verme.º 2	6.00	Leitora do	—	O[illegible]	4.00	[illegible]ntivos 1	442.00
Idem 3.	6.00	«Avante!»	2.50	Operarios em	—	Idem	303.50
Idem 4.	44.00	Leitoras do	—	marcha	55.50	Idem	320.00
Idem 5.	30.00	«Avante!»	5.50	Idem	45.00	Traba. na pa-	—
Idem 6.	18.00	Liberdade	650.00	Passionária	4.00	ra vencer	50.50
Idem 1.	30.00	Locomotiva	—	Pero Santos	95.00	Três Amigos	17.00
Idem 2.	6.00	Vermelha	108.00	Idem	95.00	[illegible]	55.00
Idem 4.	52.50	Idem	108.00	Progressistas	16.50	Unidade e Liber.	5.00
Idem 5.	30.00	Idem	102.00	Próxima vitór.	500.00	Um militante	7.00
Cristovão	20.00	M.	4.00	Pró nova ti-	—	Unido C. 1	48.70
Idem	10.50	Mãe dum PA-	—	pó	400.00	Unidos C. 4	30.00
Empregados do	—	vel	5.00	Robespierre	35.00	Vila nova	287.00
Comércio	100.00	Maria Peres	15.00	Rostov	800.00	Idem	30.00
Emprol Idem	14.00	Mário Caste-	—	Salvador Am.º	5.50	Idem	135.50
Fascismo	135.00	lhano (B)	11.00	Mestre M.	50.00	Voroshilov	20.00
Ferro V. Ver.º	20.00	Idem	46.50	Sempre fir. S.	65.00	Idem	20.00
GaryCooper	20.00	Miliska	20.00	Idem	45.00	X.	4.00
Heróis de	—	Mineiros Ve.	87.50	S. F. G. A.	15.00	3 Vermelhos	6.00
Berlim	9.00	Nova aurora	10.00	Silva Ver	5.00		
Homem da	—	Idem	12.00	Sovarinese	54.00	Total	12.231.50

IMPERIALISMO AMERICANO

(DA PÁG. ANTERIOR)

Mas os povos que conseguiram com o preço de longos sacrifícios a sua independência e liberdade não estão dispostos a trocá-las por uma esmola; não estão dispostos a vender-se por um punhado de dólares ou a aceitar a interferência ou tutela na administração da sua vida. Eles preferem lutar com sacrifícios para a reconstrução da sua economia, mas decidindo da sua própria sorte, segundo o seu desejo e vontade e não segundo a vontade e desejo dos outros.

As causas pelas quais a União Soviética, os comunistas e os verdadeiros patriotas de todo o mundo combatem e se opõem ao plano Marshall são porque ele não é um auxílio desinteressado que vise de facto a ajudar a reconstrução dos países devastados pela guerra, mas, pelo contrário procura desajudá-los, pondo-os na inteira dependência dos Estados Unidos não lhes permitindo que se desenvolvam livremente.

A União Soviética, combatendo o plano Marshall, fá-lo em defesa dos interesses dos povos e da sua independência económica e política.

Esta é a razão por que ela dia a dia se torna mais estimada pelos povos oprimidos, mesmo contra todas as calúnias da reacção.

RÁDIO MOSCOVO todos os dias às **23 h.**, nas ondas de **25** e **31** m. em português

INIMIGOS DO POVO — **João Alçada**, encarregado; **Joaquim Marques** e **Manuel Saraiva**, jardineiro. **Covilhã**, denunciaram grevistas.

As liberdades democráticas que a Nação deseja, são as liberdades de imprensa, de organização de partidos políticos e de reunião. (Resol. 2º Con.º I.)

O PARTIDO E A NAÇÃO

(da pág. 1)

Quem poderá negar que o Partido Comunista dedica toda a sua actividade e consagra todos os seus esforços e energias na defesa dos interesses do povo e do país?

Quem poderá negar o espírito de sacrifício dos comunistas, a sua abnegação por melhorar a situação económica e cultural do povo português e por lutar por um Portugal rico e independente?

Quem poderá negar a justa orientação política do Partido Comunista, desmascarando e lutando contra o corporativismo que arruína e asfixia o país, lutando contra o obscurantismo e a miséria, contra as perseguições e o terror da ditadura fascista de Salazar, defendendo e pugnando sempre pelos interesses do povo e da pátria?

Quem mais que o Partido Comunista lutou contra a política de compromisso do salazarismo com o fascismo internacional, contra a intervenção em Espanha, contra o auxílio a Hitler e contra a humilhante entrega de Timor?

E, finalmente, quem poderá negar que foi o Partido Comunista o principal obreiro da Unidade Nacional, que vai ganhando terreno e vai sendo reconhecida pelos sectores antifascistas como o caminho mais justo para fazer baquear o salazarismo e conquistar a Democracia?

Negar estes factos, será negar a própria Democracia.

A luta do Partido Comunista [illegible] a própria luta do povo português contra a política do salazarismo que entrega as riquezas do país a um punhado de famílias, aos grandes monopolistas da indústria e da terra, em ligação com os monopolistas estrangeiros mantendo assim o atrazo do país, a miséria das massas trabalhadoras, a ruína dos pequenos e médios proprietários, comerciantes e industriais.

A luta do Partido Comunista, é a própria luta das massas trabalhadoras, pugnando pelos seus sagrados direitos económicos e políticos.

O povo português tem confiança nos comunistas porque a sua orientação é justa e clara, porque abordam os problemas nacionais como dirigentes responsáveis, inspirados nos interesses das camadas populares e da nação; confia no Partido Comunista, porque vê nele a sua vanguarda organizada e esclarecida na luta pelo seu bem-estar.

Por tudo isto, o Partido Comunista sente-se orgulhoso por ter combatido, desde a primeira hora, a política da ditadura fascista de Salazar e por ter defendido e lutado por uma política verdadeiramente nacional.

O QUE DESEJA O PARTIDO COMUNISTA

[illegible] o Partido Comunista é uma força de primeira grandeza na luta contra o regime vigente de Salazar, amanhã o será na reconstrução dum Portugal livre e democrático. Não é possível haver uma autêntica Democracia no nosso país, desconhecendo a força do Partido Comunista e sobretudo indo contra ela.

O Partido Comunista, cuja solidez assenta profundamente na classe operária, nos camponeses, nos intelectuais progressivos, nas massas trabalhadoras em geral do país, é pois, uma realidade nacional.

Se o carácter nacional do Partido Comunista concorda com os princípios do internacionalismo proletário é porque o interesse do nosso país não está na exploração de outros povos, mas no estabelecimento dos mais elevados laços de solidariedade e cooperação entre as nações que assegurem a Paz e o Bem-Estar da Humanidade.

É pois pela felicidade do povo português, em particular, e pela paz e o bem-estar da humanidade, em geral, que o Partido Comunista deseja um Portugal rico e próspero, pelo progresso das ciências, das artes, da cultura e pela prática duma legislação sã e humana, garantia dos direitos económicos, e [illegible] comunidade portuguesa.

Para isso, o Partido Comunista deseja e luta para que a classe operária seja protegida por uma justa legislação social, traduzida em factos, que lhe proporcione uma vida culta e humana.

O Partido Comunista deseja que os camponeses vivam alegres por possuírem a terra que trabalham, por verem o produto do seu trabalho, traduzido numa vida de nível cada vez mais elevado e que se sintam solidários dos homens das fábricas, das minas, com os intelectuais.

O Partido Comunista deseja que os intelectuais sejam protegidos e estimulados com vista a desenvolver a sua iniciativa e a sua capacidade criadora, postas ao serviço do povo.

O Partido Comunista deseja que o artesão, o comerciante modesto, o pequeno proprietário olhem para o futuro sem medo e para o presente com a alegria de se verem num país digno e progressivo.

O Partido Comunista deseja que a mulher seja respeitada, que goze de direitos iguais aos do homem e ocupe o seu devido lugar na sociedade e deseja que a criança seja devidamente protegida por meio duma adequada assistência social.

O Partido Comunista deseja um Portugal de alto nível industrial e agrícola a fim de poder atender, folgadamente, às necessidades do povo português.

Eis, em [illegible] porque [illegible]

DEFENDAMOS O AVANTE!

O **«Avante!»** é filho de muitas vidas entregues **AO PARTIDO E À CLASSE TRABALHADORA, à causa da DEMOCRACIA, à grande causa do POVO e do PAÍS.**

Saibamos defender o «AVANTE!»

Melhoremos o seu aparelho técnico!

Melhoremos o trabalho conspirativo!

Saibamos manter bem alto **A VOZ DO P. C. P.!**

EM TODA A PARTE

Nas fábricas, empresas, escritórios, docas, barcos, construções, escolas, etc..

formai legalmente com homens e mulheres de todas as tendências

COMISSÕES DE UNIDADE para defesa das reivindicações imediatas.

COMISSÕES SINDICAIS para orientar a acção nos S. N. e

COMISSÕES DO M. U. D. para orientar as lutas pelas liberdades [illegible]